

ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE JOAQUIM VENÂNCIO

**RELAÇÃO ENTRE OS CICLOS ECONÔMICOS BRASILEIROS  
E O DESMATAMENTO DA MATA ATLÂNTICA**

Bruno César Barbosa Teixeira

Rio de Janeiro, dez. 2005

**BRUNO CÉSAR BARBOSA TEIXEIRA**

**RELAÇÃO ENTRE OS CICLOS ECONÔMICOS BRASILEIROS  
E O DESMATAMENTO DA MATA ATLÂNTICA**

Trabalho de Monografia de conclusão de curso  
apresentado ao Curso Técnico de Nível Médio de  
Gestão em Serviços de Saúde, sob a orientação do  
Prof. Neila .

Rio de Janeiro, dez. 2005

## **AGRADECIMENTOS**

**A Deus, por me acompanhar e se fazer sempre muito presente em minha vida.**

**A minha mãe, pelo amor, incentivo e preocupação; ao meu pai pela lição de vida.**

**A professora Neila, pela orientação e dedicação, paciência, carinho, os quais me incentivaram , quando aluno, a aumentar o meu conhecimento, que foi essencial na elaboração deste trabalho;**

## SUMÁRIO

Página

<b>LISTA DE TABELAS</b>	v
<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>1</b>
1.1 Aspectos geográficos .....	2
1.2 Ecossistema .....	5
1.3 Formações florestais encontradas em 17 estados brasileiros .....	7
<b>2. CICLOS ECONÔMICOS E A MODERNIDADE</b> .....	<b>10</b>
<b>3. CONCLUSÃO</b>	
<b>Conseqüências negativas do desmatamento</b>	<b>16</b>
<b>4. INICIATIVAS VISANDO A PRESERVAÇÃO</b>	
<b>DA MATA ATLÂNTICA</b>	<b>18</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>20</b>
<b>ANEXOS</b>	<b>21</b>
<b>ANEXO I:</b>	
<b>FIGURA I – MAPA DA FLORESTA ATLÂNTICA</b>	
<b>EM SUA FORMAÇÃO ORIGINAL</b> .....	<b>21</b>
<b>ANEXO II:</b>	
<b>FIGURA II- MAPA DA FLORESTA ATLÂNTICA</b>	
<b>NOS DIAS ATUAIS</b> .....	<b>22</b>

## LISTA DE QUADRO

Página

**QUADRO I** – Remanescentes da floresta no Brasil ..... 9

## I – INTRODUÇÃO

A Mata Atlântica é um ecossistema extremamente importante e se destaca principalmente por sua diversidade. Porém, o que muitas pessoas não percebem é que ela é primordial para o meio ambiente, mas também para a história do Brasil.

A ocupação do território brasileiro foi feita, ao longo da história, com base no desmatamento da Mata Atlântica, e por isso esse ecossistema não apenas tem influência direta na história Brasil como encaminhou os rumos do país durante os séculos de desmatamento após a chegada dos portugueses, de acordo como o modo utilizado em cada região.

A Mata Atlântica possui camadas de vegetação claramente definidas. O explorador alemão Alexander von Humbolt a descrevia como uma "floresta sobre uma floresta". As copas das altas árvores formam o dossel e chegam a atingir de 30, 35 e até 60 metros de altura. O tronco das árvores, normalmente liso, só se ramifica bem no alto para formar a copa. As copas das árvores mais altas tocam-se umas nas outras, formando uma massa de folhas e galhos que barra a passagem do sol. Numa parte mais baixa, nascem e crescem arbustos e pequenas árvores, que são os bambus, as samambaias gigantes, líquens que toleram menos luz, formando os chamados sub-bosques. Tanto nas árvores mais altas como nas mais baixas encontram-se várias outras espécies, como diversos tipos de cipós, bromélias, orquídeas e gavinhas. O piso da floresta é coberto pelas forrações. Esse chão é protegido pelas folhas e outros vegetais que caem

das árvores ao longo do ano, que serve de alimento para muitos insetos, outros animais e principalmente aos fungos, que são os principais responsáveis pelo processo de decomposição da floresta. Assim, a floresta se alimenta dela mesma.

## 1.1 Aspectos Geográficos

A Mata Atlântica está presente tanto na região litorânea como nos planaltos e serras do interior, do Rio Grande do Norte ao Rio Grande do Sul. Ao longo de toda a costa brasileira a sua largura varia entre pequenas faixas e grandes extensões, atingindo em média 200 km de largura.

Notamos o que é uma das mais importantes razões pela qual a Mata Atlântica é tão rica em sua biodiversidade. Uma árvore de uma dada espécie nascida no nível do mar difere de uma árvore desta mesma espécie no topo da serra. Se uma variação de altitude apenas já exerce influência significativa sobre as espécies, é possível imaginar o que a diferença de pluviosidade, temperatura, fertilidade dos solos, relevo, iluminação, entre muitas outras, gerou em termos de diversidade de flora, fauna, microorganismos, e os ecossistemas que estes compõem, ao longo do litoral brasileiro.

Assim, por toda a sua extensão, a Mata Atlântica apresenta uma variedade de formações, engloba um diversificado conjunto de ecossistemas florestais com estruturas e composições florísticas bastante diferenciadas, acompanhando as características climáticas da vasta região onde ocorre, tendo como elemento comum

à exposição aos ventos úmidos que sopram do oceano. Segue um breve descritivo destas diversas formações:

- Próximos aos oceanos, estão as planícies de restinga, dunas, mangues, lagunas e outros estuários de menor proporção. Os mangues estão presentes às margens das lagunas ou de rios de água salobra, variando conforme as marés. Eles são considerados os berçários de grande parte da vida marinha.
- Na Região Sudeste está presente a Serra do Mar com uma grande cobertura vegetal e constituindo uma verdadeira muralha, ou ainda, o primeiro degrau dos planaltos do interior. Em função das suas várias reentrâncias, toda costa marítima da Serra do Mar é constituída de baías e enseadas.
- Já na Região Sul e Sudeste, destacam-se vários dos mais importantes sistemas lagunares do Brasil, com a Lagoa Patos e Mirim, no Rio Grande do Sul e o Lagamar, em São Paulo entre vários sistemas menores espalhados pelo Brasil.
- Na Bahia, grande parte da Mata Atlântica fica restrita à região litorânea, mas ao Sul do Estado ela avança para os planaltos do interior em diversos patamares, como se fosse uma grande escadaria.

A fisionomia da paisagem não reflete apenas a junção dos resultados de contínuas e diferentes mudanças climáticas ao longo da história da formação do planeta, mas também representa seus efeitos acumulados no tempo e no espaço,

inter-relacionando a história geológica e a paleogeografia, que é a "pré-história" das mudanças dos relevos em relação aos diferentes climas.

Quinhentos anos de desmatamentos sumários para abrir lavouras, pastagens, explorar madeira ou erguer cidades acabaram por ameaçar drasticamente uma das maiores biodiversidades do planeta: a Mata Atlântica.

Antes um gigantesco tapete verdejante que ocupava 1,29 milhão de quilômetros quadrados ao longo de 17 Estados brasileiros, vizinha ao oceano Atlântico, hoje seus remanescentes somados são calculados em meros 7,3% em todo o País.

Apesar das rigorosas leis de proteção implantadas na segunda metade do século 20, o risco de extinção permanece. Ainda há muito o que fazer para conter a atividade irregular dos madeireiros, o avanço mal planejado dos meios urbanos e o tráfico de espécies animais e vegetais.

Considerada por entidades internacionais como um dos biomas prioritários para execução de políticas de conservação, a Mata Atlântica, que já cobriu quase todo o território catarinense, hoje ocupa apenas 17,4% do Estado, por exemplo. Mas, segundo levantamentos recentes, dá sinais incontestáveis de que tem, sim, capacidade de se recuperar.

## 1.2 . Ecossistema

Reduzida a 7,3% de seu território original (que era de 1,29 milhão de quilômetros quadrados, ou 12% do território nacional), a Mata Atlântica é um dos ecossistemas mais ameaçados de extinção do mundo. Hoje, restam 94 mil quilômetros quadrados de sua cobertura original. Mas esses 7,3% de áreas remanescentes - e muito fragmentadas - não estão distribuídos uniformemente para todos os conjuntos florestais que compõem o bioma. Vários deles estão mal conservados, quase extintos, ou ainda sub-representados nas unidades de conservação.

Mesmo com a devastação acentuada, a Mata Atlântica ainda abriga uma parcela significativa da diversidade biológica brasileira. O total de mamíferos, aves, répteis e anfíbios que ali ocorrem alcança 1.361 espécies, sendo 567 endêmicas (que só ocorrem ali), representando 2% de todas as espécies do planeta. Mas mesmo com a grande biodiversidade, 171 espécies da Mata Atlântica estão na lista oficial das 202 ameaçadas de extinção no Brasil. A Mata Atlântica ainda possui 20 mil espécies de plantas - das quais oito mil são endêmicas - e se constitui no segundo maior bloco de floresta tropical do País. Levantamento realizado em 1996 na Estação Biológica de Santa Lúcia, no Espírito Santo, mostrou que, em apenas um hectare de Mata Atlântica, foram encontradas 476 espécies de árvores. É a maior diversidade arbórea do mundo, superando todos os números conhecidos da Amazônia.

Além da importância biológica, esse conjunto de ecossistemas é fundamental à manutenção do equilíbrio sócio-ambiental. Para cerca de 70% da população brasileira (mais de 100 milhões de pessoas) que vive em seu domínio, ela regula o fluxo dos mananciais hídricos (nela nascem ou passam diversos rios importantes, entre eles o Paraná, Tietê, São Francisco, Paranapanema, Itajaí-Açu e Cubatão), assegura a fertilidade do solo, controla o clima e protege escarpas e encostas das serras, além de preservar um grande patrimônio histórico e cultural. Recentemente foi considerada, a partir de estudos realizados por agências de fomento e grupos de especialistas, uma das grandes prioridades para a conservação de biodiversidade nas Américas.

Representa também, uma grande riqueza de patrimônio genético e paisagístico, demonstrada por índices verdadeiramente impressionantes: 55% das espécies arbóreas e 40% para espécies não arbóreas são endêmicas (ou seja: uma, entre cada duas espécies ocorre exclusivamente naquele local). Os números não param por aí: 70% no caso de espécies como as bromélias e orquídeas e no caso da fauna, 39% dos mamíferos que vivem na floresta são endêmicos. Mais de 15% dos primatas existentes no Brasil habitam a floresta e a grande maioria dessas espécies é endêmica.

### **1.3. Formações florestais são encontradas em 17 Estados brasileiros**

De acordo com o último levantamento publicado pela Fundação SOS Mata Atlântica em parceria com o Instituto Socioambiental (ISA) e o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais (Inpe) sobre o desmatamento, feito em nove Estados, o Rio de Janeiro foi o que mais perdeu essa cobertura florestal. Em números absolutos, o Estado teve sua área florestal reduzida em mais de 140 mil hectares, representando uma perda de 13% com relação ao levantamento anterior (entre 1985 e 1990). O segundo Estado que mais devastou foi Minas Gerais, que perdeu 88.951 mil dos hectares existentes em 1990, restando hoje 7,32% da estrutura original. Os nove Estados estudados também destruíram outros 14.392 hectares de manguezais e restingas, ecossistemas associados à Mata Atlântica.

Os Estados do Nordeste não foram mapeados, mas nessa região, segundo a entidade, a situação não é melhor. No Sul da Bahia, por exemplo, concentra-se um dos maiores focos de desmatamento da atualidade. O Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama) interveio através da aprovação da resolução 240, suspendendo todos os planos de manejo aprovados pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para madeireiros da região.

Os índices preliminares de remanescentes apontam para uma redução no ritmo de desmatamentos. No entanto, descobriu-se que a floresta remanescente está bastante fragmentada e esse processo continua ocorrendo em muitas regiões, comprometendo a conservação da fauna e da flora. Estudos comprovam que a

floresta fragmentada perde sua riqueza biológica causando, em muitos casos, quadros irreversíveis.

Cem hectares de Mata Atlântica contínua não são iguais a dez fragmentos de dez hectares. Nos pequenos remanescentes os animais maiores e os predadores não se sustentam e migram para outra região ou morrem. Alguns pequenos animais desaparecem, dependendo de sua dieta e/ou das necessidades de abrigo que tenham.

Matas pequenas também têm menos chance de renovação. Em geral, as estratégias de reprodução das árvores, desenvolvida ao longo de milhares de anos, incluem a dispersão de suas sementes num raio muito grande em seu entorno, seja através dos animais, da água ou do vento.

### QUADRO 1 - Remanescentes da floresta no Brasil

UF	Área (ha) DMA*		Área (ha) 1990	Mata (ha) 1995	Desmatamento ha	%
ES	4.661.522	4.611.522	409.741	387.313	22.428	5,47
GO	3.918.711	3.055.677	7.119	6.471	648	9,10
MS	4.757.315	1.842.821	43.752	39.555	4.197	9,59
MG	43.339.165	27.539.709	1.214.059	1.125.108	88.951	7,32
PR	19.808.603	19.315.664	1.815.137	1.730.528	84.609	4,66
RJ	4.408.111	4.408.111	1.069.230	928.858	140.372	13,13
RS	16.128.695	8.758.533	535.255	506.462	28.793	5,38
SC	9.571.647	9.571.647	1.729.160	1.666.241	62.919	3,64
SP	24.175.211	19.595.899	1.858.959	1.791.559	67.400	3,62
Total	130.718.980	98.699.583	8.682.412	8.182.095	500.317	-

\*DMA - Domínio da Mata Atlântica

Fontes: Fundação SOS Mata Atlântica

## II – CICLOS ECONÔMICOS E MODERNIDADE

Após 500 anos de destruição ininterrupta, hora mais rápido, hora menos, os poucos remanescentes que restaram da Mata Atlântica continuam e continuarão sofrendo impactos até quase sua extinção total. Entre os principais motivos podemos destacar desde o século XVI com a extração do Pau Brasil, e nos séculos seguintes: a política desenvolvimentista da década de 1970, a poluição ambiental, o crescimento desordenado de quatro das principais capitais brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba e Belo Horizonte, a política de reforma agrária praticada na década de 1980, a falta de uma política florestal nacional, a prática de queimadas para a criação de novas áreas para pastagem, entre outros.

Ordem cronológica dos ciclos econômicos:

- Pau brasil: 1500 a 1530 (Séc. XVI).
- Cana-de-açúcar: 1530 a 1700 (Séc. XVII).
- Ouro: Séc. XVIII.
- Café: Séc. XVIII / XIX.
- Gado: Séc. XIX.
- Agroindústria: XXI

Desde a chegada dos portugueses, em 1500, a destruição da Mata Atlântica foi fundamental para a colonização do território e o crescimento de sua economia. Os ciclos econômicos brasileiros, que sempre modificaram a

economia e a maneira de viver das pessoas, só foram possíveis através do desmatamento (da Mata Atlântica).

Quando os europeus aqui chegaram, não encontraram tantas riquezas quanto em outras colônias, por isso, começaram a explorar o pau-brasil, árvore de boa utilidade que viria a inspirar o nome do país. Áreas enormes do litoral brasileiro foram desmatadas, utilizando-se principalmente mão-de-obra indígena.

Posteriormente, visando lucros no mercado europeu e a ocupação definitiva do território, o governo português adotou a plantação de cana-de-açúcar como solução. Essa medida foi muito importante, pois possibilitou a colonização do Brasil, criou uma sociedade baseada na vida dos engenhos e instaurou de vez o regime escravocrata, com a vida de muitos africanos para trabalhar nas lavouras. Isso também só tornou possível com a destruição de boa parte da vegetação nativa para plantar cana-de-açúcar, principalmente no litoral nordestino com a crise do comércio de açúcar, os engenhos perderam a sua hegemonia, e iniciou-se um novo ciclo, com a descoberta de pedras preciosas no interior do Brasil. Para lá deslocaram-se muitas pessoas desbravando a mata, abrindo caminhos e cidades no interior, sendo novamente necessário o desmatamento.

Após o esgotamento de grande parte das minas, outra cultura despontou para ocupar lugar de destaque na economia brasileira e definir os princípios de uma sociedade, a elite rural cafeeira tem muito poder e importância na história brasileira, mostrando influência também na política. Em muitas localidades, durante um bom tempo, a mão-de-obra imigrante foi à força de trabalho,

substituindo a escravidão. Outra vez a Mata Atlântica foi desmatada para a plantação de café.

A pecuária e expansão das cidades são outras causas pelas quais a Mata Atlântica é permanentemente desmatada, plantando-se pasto para o gado e desgastando-se ou urbanizando várias áreas de mata nativa e ampliando a poluição, essa e outras práticas tiveram sua maior importância em determinadas épocas, mas ainda permanecem, nunca desapareceram.

A política desenvolvimentista da década de 1970, incrementada pela visão militarista de grandes obras, construiu hidrelétricas, pontes, rodovias, barragens, usinas nucleares, incentivaram a implantação de grandes conglomerados industriais, tais como Cubatão. Isso significou para a Mata Atlântica a perda de grandes áreas, além da sua contínua fragilização e fragmentação. Tal visão desenvolvimentista só foi encontrar os primeiros obstáculos já em meados da década de 1980, com o processo de reabertura política e o escasseamento dos empréstimos internacionais que financiavam as grandes obras.

Um dos problemas mais graves que a região da Serra do Mar sofreu na década de 1980, também em função da política desenvolvimentista, foi à implantação do pólo industrial de Cubatão, para a fabricação de aço, petróleo, cimento e produtos químicos. As consequências dessa política tornaram Cubatão sinônimo mundialmente famoso de catástrofe ecológica. Tais indústrias foram instaladas sem qualquer preocupação ou controle dos riscos ambientais, além de ter atraído para a região uma enorme quantidade de pessoas sem qualificação profissional que foram morar em favelas construídas sobre os manguezais e

próximas das indústrias. A união desses dois elementos foi crucial para um aumento significativo de deslizamentos que passaram de 165 para 525 entre 1971 e 1985, causados pelas chuvas ácidas, além de uma catástrofe que provocou a morte de mais de duzentas pessoas, por conta de um vazamento de gasolina.

Um outro fator que tem contribuído para a diminuição dos remanescentes de Mata Atlântica é o crescimento desordenado das cidades. A demanda de matéria-prima, energia e espaço das cidades tem provocado cada vez mais o esgotamento da floresta.

As últimas matas primárias existentes, protegidas ou não, estão sendo cortadas e vendidas. Os loteadores clandestinos agem nas brechas da falta de fiscalização, vendendo lotes baratos para a população de baixa renda, alegando uma futura regularização.

Em São Paulo, em 1997 um milhão de árvores foram retiradas da Serra da Cantareira, considerada a maior floresta urbana do mundo. Neste mesmo caminho, encontram-se as especulações imobiliárias do litoral para as casas de veraneio, com a apresentação de títulos de propriedade duvidosos, expropriações forçadas, apropriação de terras indígenas.

É nas áreas litorâneas que a Mata Atlântica sofre os maiores impactos. A especulação imobiliária, a pressão demográfica e a ocupação desregrada estimulam a degradação ambiental. O que atualmente se observa, além da ocupação clandestina, é a implantação de grandes complexos turísticos sem um planejamento ambiental devidamente orientado novos condomínios que devastam as últimas áreas de restinga e matas de encosta. Nestes locais não são

implantados sistemas de esgotamento sanitário, o que também acaba por prejudicar os poucos manguezais ainda existentes e também a fauna marinha da costa.

Dois destaques importantes que pressionaram para a ameaça de extinção da floresta foram as ações ou a falta de ações governamentais para a proteção Mata Atlântica. A política de reforma agrária da década de 1980 trouxe outros prejuízos para a Mata, já que neste período o INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária classificava a terra de matas como "subutilizada", não fazendo distinção entre floresta nativa e plantada. Neste período os proprietários de terras que se sentiam ameaçados pelos prováveis desapropriações correram em vender o que restava de madeira em suas propriedades, ou então, queimavam suas reservas legais e a transformavam em pastagens.

O segundo destaque foi a falta de uma política florestal sistematizada. As unidades de conservação criadas nos últimos anos para proteger o que restava da floresta eram uma verdadeira mistura de conceitos: várias classificações diferentes, criadas de formas variadas por tipos de leis diferentes. Essa fragilidade legal abria espaço para que vários órgãos públicos se responsabilizassem por áreas de remanescentes, assim os recursos financeiros também eram dispersos, o que impedia a criação de um sistema de fiscalização único.

Muitas das unidades criadas não possuíam referência legal, ou seja, não se conhecia sua extensão, e por consequência seus limites, o que permitia as ações predatórias das serrarias, dos loteadores, dos pecuaristas, dos latifundiários

e dos próprios governos que continuavam a implantar seus projetos sem avaliar os impactos ambientais. A burocracia também deu sua contribuição para diminuir a extensão da Mata Atlântica.

Um dos piores inimigos da floresta foi e continua sendo o fogo. A técnica adquirida no período da colonização, nunca foi abandonada pelos agricultores e pecuaristas, sejam eles grandes ou pequenos proprietários. Em 1986, 13% das terras de mata de Minas Gerais foram queimadas e em 1989 foi a vez de 300 km<sup>2</sup> da floresta ao sul da Bahia. Por meio de inúmeras pesquisas, descobriu-se que até metade dos incêndios florestais ocorridos na mata são criminosos, o que significa dizer que a legislação não tem sido aplicada de forma eficiente.

O resultado de todos esses processos destrutivos é uma fragmentação cada vez maior da Mata Atlântica e a conseqüente perda da biodiversidade, seja pela perda de áreas significativas, seja pela diminuição da troca genética.

### III. CONCLUSÃO

#### **Conseqüências negativas do desmatamento**

Um dos grandes desafios daqueles que atuam em favor da conservação da Mata Atlântica é reverter o processo de diminuição da cobertura florestal natural para outros usos, que teve início com a colonização européia no Brasil.

Historicamente, vários são os fatores responsáveis pela destruição desse bioma: a exploração predatória dos seus recursos naturais e florestais; diversos ciclos econômicos, tais como, o do ouro, o da cana-de-açúcar, o do café e a conversão de áreas para atividades agropastoris e pólos silviculturais; um veloz processo de industrialização e, conseqüentemente, urbanização, com as principais cidades brasileiras - mais de três mil dos 5.507 municípios assentados hoje na área que originalmente foi a Mata Atlântica.

O resultado atual é a perda quase total das florestas originais intactas e a contínua devastação e fragmentação dos remanescentes florestais existentes, o que coloca a Mata Atlântica em péssima posição de destaque, como um dos conjuntos de ecossistemas mais ameaçados de extinção do mundo. De uma área original superior a 1,3 milhão de km<sup>2</sup> distribuída ao longo de 17 estados brasileiros, resta hoje apenas 7,3% desse total.

Assim, garantir a proteção, a recuperação e, especialmente, a sustentabilidade da Mata Atlântica é o objetivo primário nas políticas de conservação e nas estratégias de ação existentes para o bioma. Mas atingi-lo se torna mais difícil na medida em que, atualmente, 108 milhões de habitantes vivem em seus domínios.

Sabe-se da qualidade de vida que a Mata Atlântica proporciona a essa população e dentre outras funções, de seus inúmeros benefícios, diretos e indiretos. Para citar alguns, primeiramente o vital: a água, já que ela protege e regula o fluxo de mananciais hídricos, que abastecem as cidades e principais metrópoles brasileiras. Além disso, controla o clima, abriga rica e enorme biodiversidade, preserva beleza paisagística e um patrimônio histórico de valor inestimável, abrigando várias comunidades indígenas, caiçaras, ribeirinhas e quilombolas, que constituem a genuína identidade cultural do Brasil.

No entanto, lamentavelmente, a relação do homem com a floresta é desde os primórdios até hoje, degradadora, predatória e insustentável. As causas contemporâneas de desmatamento estão associadas a atividades agropecuárias, extração seletiva dos recursos florestais e utilização da madeira para diferentes usos - ações em grande parte à revelia das leis e sem as devidas autorizações dos órgãos públicos. Nas áreas de entorno das principais cidades brasileiras essas causas estão relacionadas à ocupação irregular e desordenada para moradia e à especulação imobiliária, sem contar outras formas de agressão que atingem a Mata Atlântica.

#### **IV. INICIATIVAS VISANDO A PRESERVAÇÃO DA MATA ATLÂNTICA**

É preciso deter e reverter urgentemente esse quadro. O desafio mais urgente, então, passa a ser a sustentabilidade desse bioma.

Os princípios para as políticas de conservação e desenvolvimento sustentável para a Mata Atlântica invariavelmente destacam o uso sustentado dos recursos naturais e florestais como a melhor forma de garantir a proteção da diversidade biológica, a qualidade ambiental e o desenvolvimento social, em bases que assegurem a importância das comunidades tradicionais e locais.

Com esse foco, vários são os exemplos e iniciativas por parte de diversas instituições e entidades que atuam na Mata Atlântica.

Como exemplo temos a Fundação SOS Mata Atlântica, que tem como missão "promover a conservação da diversidade biológica e cultural na Mata Atlântica para as presentes e futuras gerações estimulando ações de desenvolvimento sustentável", os esforços têm sido de desenvolver programas e projetos que permitam o conhecimento e forneçam subsídios para contribuir com a sustentabilidade do bioma.

Há muito o que se fazer ainda e é necessária, a sensibilização e uma maior participação da sociedade civil nesse processo, seja para cobrar ações mais efetivas dos Governos Federal, Estaduais e Municipais, do Legislativo e do Judiciário ou para fazer com que sejam desenvolvidos mais projetos de

construção gradual da recuperação ambiental, social e econômica e mais programas e mecanismos que visem novas alternativas de desenvolvimento compatíveis com a manutenção e a conservação da Mata Atlântica.

## V. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICA

**BANKS, M.** Preserve as florestas tropicais. São Paulo, Editora Scipione, 1997.

**DEAN, W.** A ferro e fogo: a história e a devastação da Mata Atlântica brasileira. São Paulo, Companhia das Letras, 1996.

**FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA.** Boletim informativo, Fundação SOS Mata Atlântica, ago/set, no. 9, 1999.

**DEAN, W. A Ferro e Fogo:** A história e a devastação da Mata Atlântica Brasileira. São Paulo, Companhia da Letras, 1996, p. 334 a 380.

**MOREIRA, I.** Falta de fiscalização facilita ação de loteadores. OESP, Caderno Cidades, São Paulo, Domingo, 27 de Setembro, 1998.

**MOREIRA, I.** Loteamentos clandestinos ameaçam a Cantareira. OESP, Caderno Cidades, São Paulo, Domingo, 27 de Setembro, 1998.

**SECRETARIA DO ESTADO DO MEIO AMBIENTE.** Conhecer para Conservar: as unidades de conservação do Estado de São Paulo. São Paulo

## VI – ANEXOS



**FIGURA I – MAPA DA FLORESTA ATLÂNTICA  
EM SUA FORMAÇÃO ORIGINAL –  
Fonte: FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA**



**FIGURA II- MAPA DA FLORESTA ATLÂNTICA NOS DIAS ATUAIS**  
**Fonte: FUNDAÇÃO SOS MATA ATLÂNTICA**